

**DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO
HOMEM À PRODUÇÃO LITERÁRIA EM
*EURICO, O PRESBÍTERO E
MEMORIAL DO CONVENTO***

SIBIN , Elizabeth Arcalá ¹

¹ Mestre em Letras, docente do Curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste - vinculada ao Grupo de Pesquisa Confluências da ficção, história e memória na literatura - Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória. bete.arcala@gmail.com.

RESUMO: A relação entre Literatura e História permite a ambas um contínuo trocar de informações, estabelecendo entre tais realidades diversas, profundos pontos de ligação. A criação literária, dentre toda a sua gama de possibilidades, pode buscar no produto histórico a fonte, o princípio para sua criação artística; encarando este produto pois, como um dos condutores da verossimilhança que constitui o fazer Literário. Tal fenômeno pode ocorrer por meio da retratação da época (como pano de fundo por exemplo) e da alegoria. Entretanto, a construção de um discurso literário hábil de se relacionar com a História no que diz respeito a evocar o passado e trabalhar com este material que narra uma época mais afastada, constitui uma especificidade que é melhor observada nos Romances Históricos, na Metaficção Historiográfica e na Historiografia. Deste modo, partindo da análise das obras *Eurico*, *O Presbítero* de Alexandre Herculano, *Memorial do Convento*, de José Saramago, e das crônicas "Desavenças entre D. Afonso Henriques e sua mãe" e "D. Afonso I e o cardial de Roma", provindas das *Crônicas breves de Santa Cruz*, e calcando-se na exemplificação comentada de obras referentes, serão colocados em análise estes três modos de a Literatura trabalhar o material histórico, de modo que surjam a vista a mescla entre a história do homem e a literatura que ele produz.

PALAVRAS-CHAVE: Romance Histórico; Metaficção Historiográfica; Historiografia.

ABSTRACT: The relationship amongst Literature and History makes it possible to either a continuous information exchange, establishing between these several realities deep connection points. The Literary creation can find, in the historical product, the basis, the foundation of its artistic creation, amongst all the possibilities given; understanding that product as one of the verisimilitude conductors that constitutes the act of making Literature. This phenomenon may occur by epoch description (as a background, for example) and by allegory. However, the construction of a literary discourse able to make connections with the History, regarding the act of "evocating" the past and working with this material that refers to an ancient epoch, constitutes a peculiarity that is observed in the Historical Novels, the Historiographic Metafiction and the Historiography. Thus, starting from the analysis of the books *Eurico*, *O Presbítero* (*Eurico*), by Alexandre Herculano, *Memorial do Convento* (*Baltazar and Blimunda*), by José Saramago, and the chronicles "Desavenças entre D. Afonso Henriques e sua mãe" and "D. Afonso I e o cardial de Roma", from the book *Crônicas breves de Santa Cruz*, and taking support in the commented exemplification of literary works, it will be put into analysis those three ways for the Literature to work with the historical material, this way bringing in the mixture amongst the History of mankind and the Literature that he produces.

KEYWORDS: Historical Novel; Historiographic Metafiction; Historiography.

Quando vem à tona o assunto “Literatura e História”, é muito freqüente o entendimento da realidade destes dois termos (e tudo o que eles implicam) como opositivas. O senso comum, destituído de qualquer aprofundamento, confere à História o estatuto de verdade, transcrição perfeita dos fatos ocorridos para o papel, e o discurso Literário, por sua vez, é concebido como mentira, visão distorcida, ficção por toda a sua extensão.

Contudo, quando se tem em mãos estudos literários e quando se propõe um mergulho na história da Literatura, no fazer literário e inter-relacionando estes com a História oficial, percebe-se que as afinidades entre a Literatura e a História constroem um mundo bastante complexo, diferente da posição “maniqueísta” que possa vir a ser tomada. O discurso histórico tem por si o anseio de ser a representação do real, do que realmente ocorreu; contudo, sendo representação e discurso, é uma instância que possui intenções e serve a uma ideologia a qual o historiador se articula; contudo busca-se ser real, ser dotado de crédito que é adquirido pela autoridade do narrador/historiador enquanto habilitado a descrever os fatos passados. Deste modo, o texto histórico também pode ser compreendido como discurso motivado em si pela ficção, “desde que o tomemos na sua acepção de escolha, seleção, recorte, montagem, atividades que se articulam à capacidade da imaginação criadora de construir o passado e representá-lo” (PESAVENTO, 2000, p.39). Contudo, uma ficção controlada, guiada por rigor na utilização de métodos específicos de análise das relíquias que o passado legou ao presente, como os documentos, a Literatura e os escritos historiográficos, as obras de arte como pinturas e esculturas, etc. E a Literatura especificamente, junto às outras obras de arte, fornecem o relato dos sentimentos de época que serviam de força-motriz as ações dos homens; já que, como Sandra Jatahy Pesavento (2000, p. 37) comenta, difunde-se e torna-se cada vez mais aceita a visão de “que o imaginário, esta capacidade de representar o real por um mundo paralelo de imagens, palavras e significados, tem uma força por vezes mais “real” que o próprio ‘real concreto’[...]”.

A Literatura, ao construir seu mundo, estabelece inúmeras pontes de ligação com a realidade, configurando a

verossimilhança. A ponte com o real também ocorre na utilização de fatos históricos para guiar a criação, retratando-os, como ocorria com bastante rigor nas obras do Realismo/Naturalismo que, influenciadas pela teoria marxista e pela evidente degradação da questão social do ser humano (apesar do profundo caráter de denúncia), criaram a partir destas situações, em destaque na época, o seu estilo contestador. Este retratar também pode se fazer por meio da alegoria, como se observa nas obras de George Orwell, como a *Revolução dos bichos* (2003), que critica a Revolução Russa e as contradições instituídas por ela e pelo Stalinismo, ao narrar fatos de uma fazenda em que os animais se revoltam com os donos humanos, mas depois de expulsá-los passam a agir como eles, ou seja, criando relações hierárquicas de poder e classes sociais.

Contudo, nestas obras, o momento da escrita é bastante próximo dos fatos relatados, estando estes muitas vezes ainda se processando, e obtendo, portanto, este aspecto da História, de observação e descrição dos fatos do passado, apenas com o passar das épocas. Deste modo, a construção do discurso de uma obra literária que possa ser relacionada à História no referente ao fazer emergir o passado, mesmo no momento da escrita, tal especificidade é melhor visualizada na Historiografia, nos Romances Históricos e na Metaficção Historiográfica.

A Historiografia tem sua origem provável durante a época do trovadorismo, relacionada aos movimentos de criação e consolidação dos países europeus (eram então chamados de crônicas tais obras, e possuíam baixo valor literário), e teve o seu ápice durante o humanismo, onde atingiu sua fase "adulta". Este gênero possui significância especial no que condiz à Literatura Arte e à História enquanto ciência. Fundamentada em registrar acontecimentos marcantes do passado e do presente do reino e do rei a quem deviam o trabalho, este estilo não surgiu no intuito de constituir arte, mas sim, na tentativa de retratar a realidade, fazer História. Contudo, devido a fatores como falta de fontes confiáveis, dificuldades de comunicação e transição de informações de um local ao outro, além da necessidade de atender as exigências reais, o discurso do historiógrafo era recheado de elementos

ficcionais, reconstruções imaginárias dos fatos, visando, na maioria das vezes, o enaltecimento das figuras reais.

Tais aspectos são encontrados na crônica “Desavenças entre D. Afonso Heriques e sua mãe” e “D. Afonso I e o cardinal de Roma”, provindas das *Crônicas breves de Santa Cruz*. A primeira narra os fatos relacionados à criação do estado Nacional de Portugal. D. Henrique havia morrido e seu filho Afonso estava preparando-se para levar o corpo de seu pai para Braga, para enterrá-lo, mas eis que neste meio tempo apossaram-se de terras que lhe pertenciam, mas ele conseguiu defender as outras terras restantes. De fato, a trama gira em torno da desavença entre Afonso Henriques e sua mãe, que casara com D. Fernando, notável nobre espanhol. Após as batalhas, o conde de Transtâmara, D. Fernando, foi expulso de Portugal e jurou não mais entrar com armas neste território, enquanto que Afonso Henriques enclausurou sua mãe. Esta, por sua vez, clamou por salvação aos reis da Espanha, que vieram em seu auxílio, mas Afonso Henriques tratou de defender sua terra e sua vida junto de seu exército. Vencendo todas as batalhas e tendo em mãos todo território Luso, passou a se denominar Rei Dom Afonso Henriques de Portugal.

Esta crônica, escrita em Português arcaico, datada do século XV, mas especula-se que a primeira versão seja mais antiga, enaltece a bravura do primeiro rei lusitano, que constituiu a nação e defendeu-a, uma narrativa curta para tamanho feito, em que de real mesmo existam apenas fatos crus, as personagens e os feitos principais, estando o modo como ocorreram estes, mergulhados numa esfera de ficção e mito.

A segunda Crônica citada narra um acontecimento posterior, no qual o Papa, ao saber que o Afonso I havia prendido sua mãe, ordenou pelo bispo de Coimbra que o Rei a soltasse, sob pena de ser excomungado caso não procedesse deste modo. O rei, por sua vez, não soltou sua mãe e por isso a terra portuguesa e o ele foram excomungados. Contudo Afonso I, ao saber disto, ordenou que um outro clérigo rezasse missa, embora este não estivesse autorizado a realizar tal ato. Por isso a notícia foi recebida em Roma como de um ato herético, e o Papa enviou um cardeal para mostrar a “fé”

ao rei português. Este, sem conceder atenção especial ao cardeal, disse que eles conheciam bem a lei católica e a seguiam. Em seguida o rei mandou todos aos seus aposentos, mas o cardeal excomungou toda a vila e fugiu durante a noite. Ao saber disso no outro dia, o Rei, em estado de fúria, foi atrás do religioso. D. Afonso I tomou o sobrinho do cardeal como refém, compactuando com o religioso que não mataria o jovem se Portugal não fosse excomungado, nem o rei em toda a sua vida. Assim, veio a carta de Roma dizendo que não seriam eles excomungados, e o rei pôde libertar o sobrinho do cardeal. Ao final o rei mostra ao Cardeal todas as feridas que obteve em guerra para defender o território da Ibéria frente aos Mouros, e conseqüentemente, defender a religião do Cristo.

Explicitamente, tal escrito enobrece Afonso I e seus atos, coloca-no como grande fundador de Portugal, defensor convicto e forte da fé Católica, um herói dos tempos remotos que deveria servir de exemplo para toda a nação. O literário e o histórico são colocados no mesmo caldeirão, donde provém uma mistura da qual com dificuldade se separa o mito do real.

Após o Classicismo, a Historiografia perdeu forças no sentido de arte e caminhou cada vez mais na direção de tornar-se uma ciência, utilizando-se de métodos mais rigorosos de pesquisa e análise de documentos e registros dos fatos, buscando uma maior “neutralidade” e novos pontos de vista. Afastou-se do fazer literário, embora, em uma posição de maior evidência na pós-modernidade, ainda busque na Literatura determinados focos de visão que mimetizam os sentimentos de outras camadas sociais, das relações entre o homem e o homem; focos que diferem da história oficial (que muito se sabe, sofre influência da classe dominante), e que certamente auxiliaram na construção de uma história mais “democrática”.

Por volta do século XVIII, com o raiar do Romantismo na Europa, vê-se surgir no terreno da Literatura o Romance Histórico. O Romance, gênero nascido por volta do século XVII, alçou grande popularidade e divulgação junto à ascensão do Romantismo, devido as “possibilidades expressivas que oferece ao autor e pela difusão e influência que alcança entre o público” (AGUIAR E SILVA, 1976, p. 263).

O Romance histórico surgiu pouco depois, em 1819, com a publicação da obra *Ivanhoé*, do inglês Walter Scott.

Diferente da Historiografia, o Romance histórico apresenta o caráter Literário Artístico bem definido, estando, portanto, condizente ao Discurso Literário. Contudo, no que refere ao retrato da história, este gênero de Romance é mais fiel, em relação à historiografia medieval, ao que a História, considerada oficial, dita. Isso é possível por ele utilizar-se do momento histórico (e os personagens, lugares, situações) como pano de fundo, como cenário histórico e espacial no qual estarão inseridos e no qual atuam os seus personagens ficcionais, mesclados cuidadosamente com os personagens reais da História. Segundo Aléxis Márquez Rodríguez (1990, p. 21, 22), este telão de fundo, baseado rigorosamente na história, traz as figuras históricas como elas são conhecidas, junto de suas ações e posturas psicológicas; a seguir é colocada a “anedota fictícia”, ou seja, personagens e acontecimentos imaginários, não existentes na realidade, mas com a construção e representatividade que os faz possíveis de terem existido naquele contexto; e dentro da anedota fictícia, geralmente ocorreria um episódio amoroso de final feliz ou infeliz. Sendo por último elemento o fato desta anedota, desta atmosfera fictícia, ser colocada ao primeiro plano da narrativa.

Segundo o teórico venezuelano Aléxis Márquez Rodríguez (1991), para que um romance seja considerado histórico são necessárias duas condições básicas: que seja ficção, invenção do escritor e que esteja calcado em feitos históricos, não fictícios, narrados pela historiografia oficial. Assim, o autor deve trabalhar os materiais da história e os ficcionalizar, criando, então, uma narrativa mesclada de história e ficção. Também é considerada como uma condição dessas narrativas a necessidade de distância entre a atitude de escritura do romance e o período relatado. Para uma definição que possa abarcar as novas vertentes latinoamericanas de romance histórico, bem como as metaficcões historiográficas, Seymour Menton (1993, p. 32) reserva tal termo aos romances “cuya acción se ubica total o por lo menos predominantemente en el pasado, es decir, un pasado

no experimentado directamente por el autor". Em suma, de acordo com a perspectiva adotada, todo romance poderia ser considerado histórico, no sentido em que a narração romanesca costuma situar-se em um tempo e espaço identificáveis e enquanto obra de arte mimetiza determinada época da sociedade. Contudo, o termo que se aplica à estrutura scottiana necessita que se trate da renarrativização de um fato ocorrido num passado mais remoto, caso contrário, tal produção romanesca seria considerado romance memorialista, de testemunho ou talvez de engajamento.

Como exemplo do Romance Histórico tradicional, bastante arraigado no modelo de Walter Scott, tem-se a obra de Alexandre Herculano, intitulada de *Eurico, O Presbítero* (1997), publicada pela primeira vez em 1844. Considerado um dos maiores nomes do Romantismo Português, Alexandre Herculano possuía a mente voltada para o Liberalismo, e acreditava na rememoração e valorização do passado histórico como a principal chave para que os portugueses adquirissem a consciência histórica e nacionalista, seguindo as tendências da Revolução Francesa (1789) e voltando-se ao progresso.

A obra *Eurico* narra a história deste jovem, que devido a um amor não permitido por questões de diferenças sociais, após uma grave crise em que ficara doente, vislumbrou no sacerdócio e no abandono de sua vida, até aquele momento, a única solução para poder prosseguir. Contudo ele vê as antigas feridas jorrarem novamente sangue quando o amor pela pátria é ameaçado, rememorando as antigas lutas para defender a terra natal, lembrando de toda a época de sua juventude. Uma trama está sendo aprontada pelos Mouros para invadir a Ibéria, auxiliados por Godos que estavam traíndo sua nação.

No primeiro capítulo, antes mesmo de ser apresentado qualquer personagem, o narrador descreve a atual situação moral e a consistência do império Godo, nesta época de 711 d.C – é a apresentação do telão de fundo, o contexto histórico. Depois de invadirem o império Romano, os Godos souberam como nenhum outro povo vestir a Glória dos romanos, herdando assim, as suas instituições e modo de vida, mas sem apagar completamente as tradições visigóticas. Contu-

do, a nação de quem herdaram a glória, era uma nação já em decadência moral, inundada em excessos de luxúria e avareza. Perdendo a antiga virtude visigótica, encontrava-se este povo mergulhado na guerra civil, tornando a Espanha o cenário de medíocres traições e dissensões internas, três séculos após terem se estabelecido na Ibéria.

Este trecho se conclui do seguinte modo: “Tal era, em resumo, o estado político e moral da Espanha da época em que aconteceram os sucessos que vamos narrar”. É estabelecida, pois, a transição entre esta descrição inicial e a narração propriamente dita, que se inicia com a apresentação do Presbítero, algo que ainda possui, ainda que fracamente, força no coração do povo.

Relatando no decorrer do livro as batalhas para defesa da Ibéria, e derrota dos visigodos e consecutivamente, a criação das forças de resistência dos Godos nas montanhas das Astúrias, Alexandre Herculano encena os dramas de Eurico, que é colocado novamente frente a Hermengarda, seu antigo amor, e agora que possui atributos sociais (adquiriu prestígio como cavaleiro negro, derrotando inúmeros inimigos na batalha contra os mouros) para desposá-la, não pode consumir o ato devido ao juramento que havia realizado diante da cruz, o juramento do sacerdócio, o celibato.

Os personagens Eurico e Hermengarda não existiram de fato, eles fazem parte da *anedota fictícia*, não há nada nos escritos antigos que faça alguma referência a suas existências; eles são frutos da criação de Alexandre Herculano, que os utiliza como pivôs da intriga amorosa, fundamental no Romantismo. Tais personagens são colocados então neste palco chamado Ibéria, do ano 711, com uma invasão prestes a explodir. O autor realizou para tal trabalho, criteriosa pesquisa histórica, tentando ao máximo manter os acontecimentos em sua forma original, contudo, lançando mão de sua liberdade criadora, colocando-se em sua postura de romancista, ele moveu algumas peças para construir a trama. O acontecimento no convento, narrado no capítulo 12 intitulado de “O Mosteiro” (HERCULANO, 1997, p. 84-102), onde as freiras mutilam seus corpos, está registrado, mas o local e a cena são

fictícios. Isto é citado por Alexandre Herculano nas notas, que ao realizar tais manipulações deixa claro que não foi ato de má fé. O mesmo modo de proceder também pode ser apreciado no último capítulo, “Conclusão”. Aqui, é primeiramente traçado o relato do desfecho da invasão, o modo com o qual se configuravam as batalhas que inda irrompiam na Ibéria, até que voltando o foco à figura de Pelágio e à narrativa propriamente dita, o autor passa a insuflar a sua imaginação nos acontecimentos: o irmão de Hermengarda vê Eurico se entregando a batalha, como quem salta de um precipício, desaparecendo no meio dos inimigos e ninguém mais o vê. A cena corta para outro cenário, enfim, a cena em que o presbítero mata Juliano e Opas, os visigodos traidores, e se entrega a morte nas mãos do Árabe Muguite. O que concerne à mistura entre o histórico e literário neste trecho, é explicado na última nota do autor, referente ao fragmento “Primeiro o velho Opas, depois Juliano caíram”, da página 180:

Nas mil tradições diversas, quer antigas, quer inventadas em tempos mais modernos, sobre o modo como se constituiu a monarquia das Astúrias procurei cingir-me, ao menos no desenho geral, ao que passa por mais proximamente histórico. Todavia, cumpre advertir que Pelágio viveu, segundo todas as probabilidades em tempos um pouco posteriores à conquista árabe, e que a morte de Opas e de Juliano na batalha de Cangas de Onis, sucesso narrado por alguns escritores, tem sobrado caracteres de fabulosa. A minha intenção, porém, foi, como já notei, pintar os homens da época de transição, digamos assim, dos tempos heróicos da história moderna para o período da cavalaria, brilhante ainda, mas já de dimensões ordinárias. O meu herói do Críssus é como o último semideus que combate na terra; os foragidos de Covadonga são os primeiros cavaleiros da longa, patriótica e tenaz cruzada da Península contra os sarracenos. Deste modo, sendo hoje dificultoso separar, em relação àquelas eras, o histórico do fabuloso, aproveitei de um e de outro o que me pareceu mais apropriado ao meu fim. (HERCULANO, 1997, p.192)

Nesta nota é explicitada de forma breve a base do trabalho de Herculano na construção de seu Romance histórico, bem como as pequenas manipulações necessárias a condução de sua corrente criadora, como a introdução da figura de Pelágio, personagem de uma época um pouco posterior. A alteração permitiu, assim, dar mais expressividade aos even-

tos relatados, fomentando o desenvolvimento das idéias de heroísmo cavaleiresco, bem como da defesa do ideal da nação.

Passado o Romantismo, e outras escolas literárias, as tendências pós-modernas vislumbram o surgimento de uma nova categoria de Romances Históricos: a Metaficção Historiográfica. Deveras semelhante ao Romance histórico no sentido do resgate de uma época passada, a Metaficção não se limita a utilizar o acontecimento como pano de fundo, não apenas descreve-o, mas sim, reconstrói intencionalmente a sua imagem sob novas perspectivas, numa atitude de crítica e contestação aos dizeres da História oficial. É um ato ciente de si próprio, e com a explicitação pelo narrador das próprias estruturas de construção da obra de arte e de re-escritura do passado, o que garante o epíteto *Meta*. O pós-modernismo é afirmado por Linda Hutcheon (1991, p.142) como “um empreendimento cultural contraditório, altamente envolvido naquilo a que procura contestar. Ele usa e abusa das próprias estruturas e valores que desaprova”. A produção literária na contemporaneidade, sob uma apreensão muito mais ampla e dinâmica dos diálogos entre ficção e história, tem estabelecido às relações entre literatura, história e memória numa confluência a qual se poderia facilmente atribuir uma série de adjetivos: curiosa, ousada, desafiadora, subversiva... Diluam-se, assim, os limites de suas diferenciações. A respeito disso, Hutcheon (1991, p. 145) menciona que em tais produções contemporâneas busca-se “desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico”; assim, as formas literárias mais recorrentes que transitam por tais veredas são o conjunto das narrativas de extração histórica, como o romance histórico, o novo romance histórico latino-americano e as metaficções historiográficas.

O termo metaficção historiográfica, para se referir à modalidade de Romances históricos contemporâneos, foi cunhado por Linda Hutcheon, em sua obra *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria e Ficção*, na qual teoriza a respeito do surgimento e do funcionamento destas obras, sempre com oposições ao Romance Histórico tradicional e trabalhando com as relações entre a Literatura e a História. Segundo a

autora, a Metaficção “problematiza a possibilidade de conhecimento histórico” (HUTCHEON, 1991, p.142), procurando retirar a Literatura da marginalização a que foi submetida nos séculos anteriores, por meio do confronto desta com a História, quer na forma, quer no conteúdo.

Assim, como grande exemplo deste gênero, tem-se a obra *Memorial do Convento* (2005), de José Saramago. Nascido em 1922, é atualmente considerado, não apenas o grande nome da Literatura Portuguesa, mas também uma das maiores referências da Literatura mundial, tendo conquistado o Nobel de Literatura no ano de 1998.

Memorial do Convento (2005), ambientado no século XVIII, trata da história da construção de um convento em Mafra, prometido aos frades Franciscanos pelo Rei D. João V, sob a predição de que assim feito sua mulher conseguiria engravidar. Saramago, entretanto, refaz os diálogos, as armações dos frades por traz desta falsa profecia que visava convencer o rei a construir o convento franciscano, reconstruindo e imaginando as situações que poderiam envolver o fato maior registrado na história oficial.

Abusando com maestria do compor Literário, o autor realmente sabe e faz da Literatura o “mundo do possível”. Como protagonistas da história, encontramos Baltasar e Blimunda, o primeiro ex-soldado maneta, e a segunda, filha de uma mulher queimada como bruxa e também possuidora de poderes. Também é fundamental na história o padre Bartolomeu de Gusmão, conhecido entre os portugueses como “o voador”, pois possuía projetos de engenharia estranhos para a época e queria voar por meio de uma máquina que iria construir, a “Passarola”.

O casal Blimunda e Baltasar ‘Sete-Sois’ configuram-se como fictícios, ou pelo menos, não possuem correspondentes na História. Entretanto, suas imagens representam as outras camadas sociais, quer por meio da carência e da exclusão social (o maneta Baltasar), quer por meio da figura do misticismo (a vidente “feiticeira” Blimunda). A construção destes personagens também traz a característica do romance pós moderno de dar voz aos excluídos e de trazer a obliterada história deles. Já o padre Bartolomeu representa a ciência, que

colocada no contexto do século XVII, influi na agregação na obra de sentidos tipicamente barrocos, por meio destas oposições entre o Pagão e o Cristão, o Católico e as outras religiões, e também por meio da linguagem, que em muitos pontos trabalha por meio da construção de idéias, ao modo conceptista.

Substancialmente diferente do Romance histórico e da Historiografia, a obra de Saramago traz as personagens contidas na História, como o Rei, a Rainha, o músico Scarlati e até o Padre Bartolomeu de Gusmão, para o âmbito do humano, cujas atitudes podem não chegar a ser das mais louváveis, e também para a idéia do ser humano sonhador, que deseja voar, construir máquinas, ir além e superar o que já havia conseguido; insere-se aqui também o ser humano criador da Arte, como o tocador de cravo, Scarlati. Assim, a obra de Saramago traz estes personagens para o primeiro plano, reestruturando-os ficcionalmente, uma das características do Romance histórico pós-moderno, segundo Hutcheon (1991, p. 152).

A respeito do Rei, como podemos constatar, cria-se toda a imagem de déspota orgulhoso e ganancioso, pronto a dar voz para serem criadas ostentações desnecessárias, como o projeto de reconstruir em Portugal a basílica de São Pedro, de Roma, ou mandar que fosse aumentada a capacidade do convento, que nem havia sido terminado, para que pudesse abrigar 300 frades. Enfim, alguém que cego diante da enganosa grandeza que desfrutava Portugal daquela época, trata de ter atitudes sem fundamento, apenas para massagear o seu ego. Mas este rei acaba, no decorrer da obra, por despertar para suas limitações, percebendo sua condição mortal, de breve vida, tomando consciência de que possivelmente não verá pronto a tão grandiosa obra de Mafra. Isto devido principalmente à demora da construção que, seguindo as estimativas dos arquitetos e engenheiros, iria se prolongar mais tempo do que o Rei entrevia sua vida continuar, fator que veio a causar-lhe angústia e a noção de que apesar de ser rei, a morte lhe iria chegar do mesmo modo que chegava aos pobres e moribundos jogados pelas ruas de Lisboa.

Traçado então, este panorama três estilos de obras da Literatura que trabalham o material histórico explicitamente, calcando-se na exemplificação comentada de obras referentes

a eles, é possível entrever como é rica a mescla entre a história do homem e a literatura que ele produz, quer seja a que atinge o estatuto de Arte, quer pelas outras que servem de expressão ao "Eu" individual e também coletivo de cada época. Assim, a Literatura, principalmente por meio do romance histórico, rearranja os dados provindos da história oficial segundo os seus próprios objetivos artísticos, muitas vezes ligados a subversão de imagens cristalizadas pelo discurso das elites. Segundo Hutcheon (1991, p. 141) as teorias e artes da pós-modernidade se assemelham pela contestação à separação que se havia se convencionado entre a Literatura e a História, "as recentes leituras críticas da história e da ficção têm se concentrado mais naquilo que as duas têm em comum do que em suas diferenças" (HUTCHEON, 1991, p. 141). Além disso:

Considera-se que as duas obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer realidade objetiva; as duas são identificadas como construtos lingüísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas, e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON, 1991, p. 41)

Este discurso de Linda Hutcheon discorre eficientemente a respeito das relações Literatura-História. Como já foi dito, a própria História não é capaz de tratar de certas dúvidas, de evocar os sentimentos de cada momento histórico tal qual faz a Literatura, mas buscando nela novas fontes de pesquisa, associadas a outros elementos pelos quais o homem marca, registra a sua memória, como os documentos, certidões, contratos, leis, etc. Com isso, resta apenas dizer que as duas realidades, a Histórica e a Literária, convivem em um jogo de contínua atração e repulsão, semelhanças e contrastes, expressando um diálogo contínuo entre si e com a sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. *A teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo, Publifolha, 1997. – (Biblioteca Folha; 23)

HUTCHEON, L. *Poética do pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. R Cruz; Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1991.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 30. São Paulo: Cultrix, 2006

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. Trad. Heitor Aquino Ferreira. Título original: *Animal Farm* (1945). Rio de Janeiro: O Globo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras da Ficção: Diálogos da história com a literatura*. In — *Revista de História das Ideias*, vol 21 (2000)

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005